



Com os autênticos de Pernambuco\*: melhor confiar na Biologia

meio do sogro, o industrial João Santos. Por esses sensores, sabia onde e quanto o MDB de Arraes era intragável. Por outro canal, o marechal Cordeiro de Farias, sabe até que ponto ainda pulsa o coração revolucionário. Entre essa balizas, Thales enxergou como única saída do regime a transação. E por isso aos poucos é que se concentram a sua volta primeiro os adeptos da mudança constitucional, em seguida os militantes da mudança partidária. Tardamente, quando os condutos que o governo tentara anteriormente já estavam entupidos.

Thales se explica. Não é adesista, a seu ver, por lhe faltarem vocação e método. Aderiu ao governo Cordeiro de Farias, em Pernambuco, quando ele já estava esmagado nas urnas pelo sucessor, Cid Sampaio. Deputado estadual, fez oposição simultaneamente a Cid e ao prefeito do Recife, Miguel Arraes, mesmo quando ambos andavam já às turras. Teve todos os convites para aderir à Revolução que levou o marechal Cordeiro ao governo Castello Branco, mas recusou. Foi chamado a entrar para a Arena e foi para o MDB em 1966. Em 1971 assumiu a secretaria geral do partido quando ele só tinha 640 diretórios no país e o chique do radicalismo era pedir a autodissolução da legenda. No ano seguinte, há impressões digitais suas no pacto que levou as organizações de extrema esquerda a cessarem a campanha do voto em branco, desaguando no MDB o eleitorado radical.

\* Da esquerda para a direita: Fernando Lyra, Marcos Cunha, Jarbas Vasconcelos e Marcos Freire.

O que Thales não suportou foi o convívio dos "autênticos", nem política, nem pessoalmente: "A esquerda tresloucada e a esquerda autoritária jogam na crise econômica, política e social. Estou na oposição para cobrar soluções dessas crises, não para alimentá-las. E, nessa frente de oposições que agora está se formando, tem uns três ou quatro candidatos a Kerensky. Ora, tenho 56 anos. Pela lógica da Biologia, tenho três mandatos ainda para esperar. A frente é para quem não pode esperar tanto".

MARCOS SÁ CORRÊA

## SEQÜESTRO

# Basta querer

*Em 24 horas o delegado apurou tudo*

Exatamente um ano após o seqüestro de quatro exilados uruguaios em Porto Alegre, a polícia gaúcha voltou a prender ilegalmente uma estrangeira no Brasil, devolvendo-a de maneira clandestina a seu país de origem. Desta vez, contudo, bastaram 24 horas de investigações para que as autoridades policiais identificassem e punissem os responsáveis pelo crime — os agentes Antônio Carlos Rocha e Hélio Alves Peixe, da delegacia de Uruguaiiana, cidade a 619 quilômetros de Porto Alegre, na fronteira com a Argentina. No último dia 17 de novembro, os dois, acompanhados por um oficial fardado da gendarmaria argentina, invadiram a Pensão Palace, naquela cidade, e seqüestraram a argentina Cristina Gloria Fiori de Vino, de 33 anos, acusada em seu

país da prática de roubos e "associação ilícita".

O crime permaneceria impune se, seis dias depois, não chegasse ao diretor da Polícia Federal em Uruguaiiana, José Antônio Hahn, um radiograma da Interpol pedindo justamente a prisão de Cristina de Vino e de uma sua amiga, a espanhola Margarita Megol Villas de Moroz, de 27 anos. Em quatro dias de investigações, Hahn localizou Margarita — e ficou sabendo do seqüestro por ela. Margarita estava na frente da pensão, no dia 17 de novembro, quando chegaram os três policiais em uma camioneta Veraneio. Assustada, fugiu, enquanto Cristina era detida no quarto que as duas ocupavam.

Na quarta-feira passada, diante de um fato concreto — o desaparecimento de Cristina —, Hahn emitiu uma nota oficial de "esclarecimento da opinião pública", na qual admitia a possibilidade de uma remoção ilegal para a Argentina. No dia seguinte, em Porto Alegre, o superintendente dos Serviços Policiais, Luís Carlos Carvalho da Rocha, expediu a informação definitiva: os agentes Rocha e Peixe tinham participado do seqüestro e em consequência disso já estavam afastados de suas funções. Ao mesmo tempo, abriu-se um inquérito policial no qual os dois agentes foram indiciados por "exercício arbitrário ou abuso de poder".

"Desta vez eu tive sorte, resolvemos tudo num dia", desabafou o delegado Edgar Fuques, chefe de Hahn e coordenador da Polícia Federal no Estado. Referia-se ele, naturalmente, ao caso de Lilian Celiberti, seus filhos Camilo e Francesca, e o estudante Universindo Rodríguez Díaz, os quatro uruguaios seqüestrados em Porto Alegre, há um ano. Fuques presidiu o inquérito que investigou o crime mas não conseguiu esclarecer nada, ao longo de doze meses de trabalho. Pelo menos valeu a lição. Antes de duvidar da denúncia feita por Margarita, como Fuques fez no caso dos uruguaios, Hahn resolveu apurar. E apurou tudo.



Peixe e Rocha: abuso de poder